

Análise sociolinguística da monotongação na variedade linguística potiguar

RESUMO

Ariane Ribeiro Rodrigues

arianeprcr@gmail.com

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil.

Cid Ivan da Costa Carvalho

cdivanc@gmail.com

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil.

Jéssica Guimarães Leal

jessicagirlaineifpb@gmail.com

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil.

Este artigo apresenta uma análise realizada sobre o fenômeno da monotongação na variedade linguística potiguar sob a perspectiva da sociolinguística variacionista. Através do estudo realizado, objetivamos investigar se existe correlação entre o fenômeno da monotongação e os fatores linguísticos e extralinguísticos encontrados em algumas cidades do estado do Rio Grande do Norte. Foram analisadas 16 cartas linguísticas fonético-fonológicas extraídas dos Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar e do Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar, de autoria dos pesquisadores Silva (2012) e Pereira (2007), respectivamente. Os dados dos Atlas foram coletados de 56 informantes do estado do Rio Grande do Norte. Os resultados revelaram que existe certa influência de ocorrência da monotongação com o fator social localidade do falante, os demais fatores sociais gênero e faixa etária não apresentaram relação com o apagamento das semivogais /j/ e /w/ nos ditongos /ej/, /aj/, /ow/.

PALAVRAS-CHAVE: Monotongação. Sociolinguística. Rio Grande do Norte.

INTRODUÇÃO

De acordo com Labov (2008), a sociolinguística variacionista estuda a língua na perspectiva do uso pelos falantes. A heterogeneidade estruturada da língua representa a essência da teoria da sociolinguística variacionista. A variação linguística ocorre de forma sistematizada na língua, ou seja, existem regularidades, fatores internos e/ou externos à língua que condicionam a ocorrência ou não da variação. Isso ocorre devido à relação entre língua e sociedade, conforme observou Labov (2008). Existem diversas variantes na língua falada, levando fatores sociais – como idade, sexo, escolaridade, classe social – a possuir uma interdependência com o conteúdo linguístico dos falantes. Nesse sentido, dentro de uma variedade linguística, podemos encontrar vários fenômenos, dentre os quais o da monotongação, que incide na mudança fonética caracterizada pela passagem de um ditongo a uma vogal simples.

Destacamos que esse fenômeno não é novo na língua portuguesa. Teyssier (2014), estudioso da formação histórica da língua portuguesa, aponta que a monotongação do ditongo [ow] em [o] atingiu, já no século XVII, todas as palavras que apresentavam esse ditongo, sendo que em umas ocorria o apagamento da semivogal [w] e em outras ela era substituída pela semivogal [y]¹. Isso também ocorria com o ditongo [ey] que monotongava em [e] no século XVIII na região sul de Portugal.

Atualmente, podemos perceber o fenômeno da monotongação nas palavras “couro” [koru], “pouca” [poka], “caixa” [caxa] e “deixa” [dexa], por exemplo. Segundo Câmara Jr. (2009), a monotongação possui caráter puramente fonético, sendo um fenômeno característico da fala, já que na escrita, prescrita na gramática de cunho normativo, o ditongo permanece.

A monotongação integra características das variantes da língua portuguesa, que por sua vez são oriundas das multiplicidades culturais desenvolvidas pelos agrupamentos humanos e sociais. Neste contexto, podemos exemplificar o estudo de caso realizado por Trindade (2009) na Comunidade indígena Tapuia do Carretão, no estado de Goiás. Por meio de um estudo de redes sociais, o autor demonstrou que, na comunidade em análise, a monotongação é favorecida por fatores sociais, considerando os diferentes papéis sociais desempenhados pelos integrantes da comunidade. O pesquisador defendeu que, para o povo Tapuia, a forma monotongada é a forma valorizada, fato verificado por meio do estudo do grau de consciência linguística dos falantes. O estudo também demonstrou que, nessa comunidade, as variáveis sociais são muito relevantes na ocorrência da monotongação.

Na sociolinguística, sob a perspectiva variacionista, esse fenômeno foi estudado por diversos autores, como Cristofolini (2011), que, no estudo do ditongo [ow], avalia que a monotongação desse ditongo parece ser uma mudança já implementada no português brasileiro, uma vez que, alguns autores asseveram que a monotongação do ditongo [ow] é praticamente categórica, indicando uma possível mudança linguística em progresso ou mesmo já consumada (FARIAS; OLIVEIRA, 2003; PEREIRA, 2004, apud ARAÚJO; BORGES, 2019; PAIVA, 1996a; SILVA, 2004, apud HORA; AQUINO, 2012). Na análise da monotongação do ditongo /ej/, na comunidade de fala de Porto Alegre, Toledo (2013) enfatiza que esse é um fenômeno estável de variação. Em um estudo dos ditongos [ey] e [ay], sob a ótica da Fonologia de Uso e da Teoria dos Exemplares, Haupt (2011) observou que, em

alguns contextos fonológicos, a supressão do glide é absoluta. Salientamos também o registro de estudos mais recentes de monotongação na região nordeste: Cysne (2016); Santana, de Oliveira e dos Reis (2015); Carvalho (2007); Silva (2004).

A elaboração deste artigo justifica-se pelo desconhecimento e pela carência de estudos sociolinguísticos a respeito do fenômeno da monotongação nas construções orais da variedade linguística potiguar.

As pesquisas linguísticas registradas no nosso país têm servido de aporte para uma busca do conhecimento sistemático do português brasileiro e a reafirmação da identidade do nosso povo, demonstrando a importância no reconhecimento da dinamicidade e heterogeneidade das línguas e da compreensão e respeito às variedades linguísticas, pois, como preceitua Bortoni-Ricardo (2014, p. 27), as “peculiaridades do sistema fonológico de uma língua funcionam como marcas objetivas de identidade de seus falantes, permitindo que seus interlocutores identifiquem sua origem”.

Nesse sentido, pretendemos dar continuidade às pesquisas que abordam aspectos da variação linguística. Delineamos como objetivo geral de nossa pesquisa analisar o fenômeno da monotongação na variedade linguística potiguar por meio da sociolinguística. Abordaremos os ditongos decrescentes /ej/, /ow/ e /aj/, tomando como ponto de referência os fatores linguísticos de contexto posterior ao ditongo: consoantes fricativas ou tepe /r/ e os seguintes fatores sociais: gênero (masculino e feminino) e faixa etária (18 a 32 anos e 45 a 62 anos) e o fator localidade, as cidades potiguares Mossoró, Apodi, Pau dos Ferros, Janduí, Macau, Angicos, Currais Novos, Caicó, Canguaretama, Touros, Areia Branca e Natal.

Nessa perspectiva, temos os seguintes objetivos específicos: identificar os fatores sociais que mais interferem no fenômeno da monotongação; analisar se o fenômeno apontado representa um contexto de variação estável na fala potiguar. Sendo assim, pretendemos responder as seguintes questões: Quais das cidades dos inquéritos pesquisados apresentam maior variação linguística no âmbito da monotongação? Existe relação entre a ocorrência de variação e os fatores extralinguísticos gênero e faixa etária?

Para tanto, partiremos das hipóteses de que o ponto de inquérito, faixa etária e gênero influenciam a produção de uma ou outra forma linguística, ou seja, a produção dos ditongos /ej/, /ow/ e /aj/ ou as suas contrapartes monotongadas.

Este artigo está organizado em quatro seções. Na primeira seção, apresentamos a definição de alguns conceitos relevantes no universo da sociolinguística quantitativa; na segunda seção, falaremos sobre a análise da regra variável na Sociolinguística quantitativa; na terceira seção, abordaremos a metodologia utilizada na realização da análise quantitativa e a metodologia do corpus dessa pesquisa; na quarta seção, apresentaremos como foi realizada a codificação dos dados, usando como suporte o programa computacional denominado sistema R e trataremos sobre a análise dos dados, quando buscaremos responder as questões propostas.

1. CONCEITOS INTRODUTÓRIOS

Na sociolinguística variacionista, alguns conceitos introdutórios são necessários para a compreensão na aplicação, como os conceitos de variedade, variação, variante e variável.

Entende-se por variedade linguística a fala característica de um determinado grupo, considerando características geográficas, sociais, profissionais ou ainda a partir de hábitos que unificam categoricamente os falantes de um determinado grupo. No contexto da sociolinguística, o conceito de variedade também pode ser sinônimo de dialeto ou falar de uma determinada região (COELHO et al., 2015).

Na literatura, os sociolinguistas não chegam a um consenso sobre os limites de uma comunidade de fala. Considerando que essa pesquisa insere-se no contexto da sociolinguística Laboviana, iremos considerar a definição de comunidade de fala apresentada por Labov (2008, p.188, grifos nossos), quando comunica que “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é bem mais definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Pode-se compreender que, para o autor, o que identifica uma comunidade de fala é o compartilhamento das mesmas normas linguísticas por um determinado grupo, tais normas, por sua vez, irão diferir das normas de um outro grupo distinto. Nesse contexto, Severo (2008) assegura que Labov mantém o foco no nível de consciência das atitudes do falante quanto ao uso de normas gramaticais compartilhadas em um grupo, considerando esse aspecto na delimitação de uma comunidade de fala. Corroborando Labov, Guy (2001, apud SEVERO, 2008, p. 4) informa que uma comunidade de fala compartilha as mesmas regras gramaticais, quando afirma que, “em assuntos de variação, diferenças entre comunidades de fala correspondem a diferenças gramaticais, ou seja, diferenças em efeitos contextuais”. Em suma, na perspectiva Laboviana, podemos depreender que a delimitação de uma dada comunidade de fala apoia-se em fatores linguísticos e sociais.

O estudo sobre a monotongação foi realizado na variedade linguística potiguar falada nas regiões do Centro-Oeste e Litoral Leste do estado do Rio Grande do Norte.

Considerando esse estado como a comunidade de fala em análise, destacamos que existem alguns traços que caracterizam a fala potiguar, como as formas linguísticas típicas do nordeste, como a pronúncia aberta das vogais pretônicas, como em “televisão” [tɛlɛvi'zãw], mas também algumas tendências não típicas da região, como, por exemplo o [tʃ] palatalizado em contexto linguístico como em “peito” [ˈpejtʃu], e em “muito”, [ˈmũjtʃu] (PEREIRA, 2007).

De acordo com Coelho et al. (2015, p. 16), “[a] variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto e com o mesmo valor referencial”. Labov (2008) preceitua que a variação linguística atua de forma ordenada e sistemática, transcorrendo em diversas esferas, seja no campo fonético-fonológico, discursivo, morfossintático ou semântico. Nesse contexto, a variação linguística pode ser condicionada por fatores internos e externos. A variação externa ou extralinguística aborda os condicionadores sociais,

abrangendo os tipos de variação: regional ou geográfica, social, estilística ou diafásica e variação na fala e na escrita ou diamésica (COELHO et al., 2015).

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 104 e 125), dentro de cada sistema linguístico existe um conjunto de regras ou categorias inter-relacionadas que governam a variação na comunidade de fala, sendo que o falante nativo possui domínio sobre estas estruturas heterogêneas.

Coelho et al. (2015, p.17) preceitua que o objetivo do sociolinguista é “descobrir quais os mecanismos que regulam a variação, como ela interage com os outros elementos do sistema linguístico e da matriz social em que ocorre e como a variação pode levar à mudança na língua”.

Nessa pesquisa iremos nos deter no aspecto da monotongação, que se insere no domínio de variação fonológica da língua.

Na necessidade de atender a essa variação sistematizada, faz-se necessária a inserção do conceito de variável linguística, de acordo com Coelho et al. (2015). Variável ou variável dependente é o fenômeno linguístico no qual a variação está localizada, de forma mais abstrata; já as variáveis independentes são os fatores linguísticos e extralinguísticos da variação, que condicionam a realização da variável dependente. Nessa análise, a variável dependente é a ocorrência de monotongação e as variáveis independentes são: contexto linguístico, cidade, gênero, faixa etária.

Görski e Valle (2016) afirmam que, no campo da sociolinguística variacionista, o termo variável pode designar também o objeto de estudo – chamado de variável dependente em análises estatísticas. De acordo com essas autoras, o termo variação teria uma abrangência mais ampla que o termo variável, considerando que no universo da Sociolinguística, podemos falar em variação quando, em um único contexto, é possível fazermos uso de uma ou outra forma linguística com sentidos equivalentes, não comprometendo o bom funcionamento da língua, enquanto que variável restringe-se ao fenômeno linguístico onde ocorre o processo de variação, bem como aos fatores que condicionam a variação linguística

Conforme Coelho et al. (2015), entende-se por variantes as formas individuais que “disputam” pela expressão da variável, como por exemplo, as formas linguísticas “caixa” e “caxa”, variantes concorrentes da variável monotongação de ditongo decrescente. Para uma melhor distinção entre variante e variável, podemos nos apropriar do exemplo das palavras “nós” e “a gente”, variantes da variável “pronomes da primeira pessoa do plural”.

De acordo com as ideias apresentadas, vimos que as variáveis internas e externas à língua operam em um conjunto complexo de correlações, favorecendo ou não a realização de uma determinada variante (MOLLICA, 2015), favorecendo ou não a realização da monotongação na variedade linguística potiguar. Nesse contexto, para compreendermos como ocorre essa dinâmica de relação e interdependência entre os grupos de fatores intra- e extralinguísticos e a variável dependente, é necessária a realização de uma análise das “regras” que permeiam os usos de uma ou outra variante linguística. Sendo assim, os conceitos

introdutórios apresentados neste tópico propiciam uma abordagem quantitativa baseada na análise da regra variável.

2. A ANÁLISE DA REGRA VARIÁVEL

A análise de regra variável tem por objetivo proporcionar a realização de uma análise descritiva adequada de uma certa variação, que defina nitidamente a natureza e a extensão de cada efeito condicionador, permitindo, assim, prenunciar percentualmente a probabilidade da ocorrência de uma dada variante por certo indivíduo, com base nas informações das características sociais da pessoa, na situação social e no contexto linguístico (GUY; ZILLES, 2007).

Como já vimos, as variáveis podem ser classificadas como dependentes ou independentes. De acordo com Scherre e Naro (2015), uma variável dependente pode ser classificada como binária ou enária, de acordo com o número de variantes. Nesse contexto se insere o fenômeno da monotongação, classificada neste trabalho como uma variável dependente binária. Assim, serão analisadas as ocorrências das variantes: /aj/ ou /a/, /ej/ ou /e/ e /ow/ ou /o/, em contexto anterior de segmento consonantal fricativo ou vibrante simples. Essa escolha foi motivada pelo fato de esses serem os principais contextos linguísticos para ocorrência desse fenômeno, como também no corpus analisado, os casos de monotongação de ditongos crescentes ocorreram nesses dois contextos linguísticos. Pesquisas realizadas no âmbito da monotongação, o contexto fonético imediatamente posterior ao ditongo tem se mostrado como um dos principais fatores linguísticos que mais favorecem a ocorrência da forma reduzida dos ditongos decrescentes em estudo, especialmente os contextos de tepe e fricativa (TOLEDO, 2011; HAUPT, 2011; SANTOS, 2012; CYSNE, 2016; FREITAS, 2017; SILVEIRA, 2019; FERNANDES, 2019).

Por outro lado, em nossa pesquisa vamos abordar as variáveis independentes gênero, faixa etária e localidade (cidade).

De acordo com as ideias de Guy e Zilles (2007, p. 76), uma outra classificação que merecem as variáveis “[...] é o seu lugar em uma tipologia do tipo quantitativo versus qualitativo ou contínuo versus discreto. Essa caracterização afeta os tipos de estatísticas que podem ser utilizadas em determinada análise”. Como exemplo de um tipo de variável quantitativa discreta, temos a monotongação, com duas realizações possíveis, a ocorrência do apagamento da semivogal /j/ ou /w/ nos ditongos e a não ocorrência da variante, mas as duas realizações são diferentes entre si de modo discreto, pois não formam um contínuo e não há valores intermediários possíveis entre a ocorrência de /aj/ e a ocorrência de /a/ (monotongação), como por exemplo, na palavra [kajja] ou [kaʃa]. Em estatística uma variável do tipo qualitativa pode ser considerada nominal ou ordinal, as variáveis independentes sociais e linguísticas apresentadas no nosso estudo, caracterizam-se como variáveis qualitativas nominais, uma vez que, por exemplo, as variáveis sociais representam as características de natureza social dos indivíduos pesquisados sem que possamos considerar uma dada ordenação entre estes elementos, assim, não existe uma ordem de valores entre os fatores gênero, faixa etária e localidade dos informantes (GUY; ZILLES, 2007).

Há ainda que se considerar que Guy e Zilles (2007) informam que as terminologias de variáveis dependentes e independentes não são categóricas, pois

trata-se de uma distinção conceitual com base no ponto de vista do pesquisador. No próximo tópico, será apresentada a metodologia, quando veremos os critérios que delimitaram a escolha das variáveis dependentes e independentes, bem como os procedimentos utilizados na realização da pesquisa.

3. METODOLOGIA

3.1 CONTEXTO DA PESQUISA

Esta pesquisa possui como fonte de dados entrevistas pertencentes ao banco de dados dos projetos Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar e Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar, de autoria dos pesquisadores Moisés Batista da Silva e Maria da Neves Pereira, respectivamente. Os dados foram colhidos de 56 informantes do estado do Rio Grande do Norte. A maioria dos informantes apresenta o grau de escolaridade até o 9º ano do Ensino Fundamental, exceto alguns informantes da capital que são graduados, na proporção de 50% da amostra coletada para esse ponto de inquérito. As idades dos informantes variam entre 18 e 32 e entre 48 e 62 anos.

3.1.1 ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR E ATLAS GEOLINGÜÍSTICO DO LITORAL POTIGUAR

No Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar foram estudados oito municípios: Mossoró, Apodi, Pau dos Ferros, Janduís, Macau, Angicos, Currais Novos e Caicó. Os critérios adotados para seleção dos informantes foram gênero, faixa etária e escolaridade. Selecionaram-se 32 informantes, sendo quatro de cada cidade, dois homens e duas mulheres. Dentre estes, foram entrevistados um homem e uma mulher de cada geração (jovens de 18 a 32 anos e adultos entre 48 a 62 anos). Foram escolhidos informantes com escolaridade igual ou inferior ao 9º ano do Ensino Fundamental (SILVA, 2012).

No Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar foram estudadas cinco cidades do Litoral Potiguar: Natal (capital), Canguaretama, Touros, Macau e Areia Branca. Foram selecionados 24 informantes, conforme os seguintes critérios: 1) sexo: para cada ponto escolhido, foram entrevistados dois homens e duas mulheres, sendo um homem e uma mulher de cada geração, fazendo um total de quatro informantes por localidade, com exceção da capital, em que o critério foi de oito informantes; 2) faixa etária: foram distribuídas duas faixas etárias: F1 (faixa entre 18 a 31 anos) e F2 (faixa entre 45 a 59 anos) e, para cada ponto, foram selecionados dois informantes da F1 e dois da F2, com exceção da capital, onde não se adotou esse critério; 3) escolaridade: foram escolhidos os informantes com escolaridade igual ou inferior ao 7º ano do Ensino Fundamental, sendo que, na capital, dos oito informantes, quatro são graduados, exceto na área de Letras (PEREIRA, 2007).

Quanto à coleta de dados, os dois atlas pesquisados adotaram como base alguns modelos dos questionários do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), tendo sido aplicados Questionários Semântico-Lexicais e Questionários Fonético-Fonológicos, com transcrições fonéticas realizadas de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional (IPA) (SILVA, 2012; PEREIRA, 2007).

3.2 PROCEDIMENTOS E MÉTODOS

A utilização de métodos estatísticos tem permitido a realização de estudos sistemáticos da variação linguística, possibilitando evidenciar “o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio, estigma, entre outras” (GUY; ZILLES, 2007, p. 73). Sendo assim, pesquisas estritamente qualitativas não conseguem atender adequadamente a estudos de variação linguística dessa natureza, sendo necessária a realização de análises quantitativas, que possibilitem “ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com uma mudança linguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 73).

Em pesquisas de cunho quantitativo, faz-se necessário inicialmente obter as informações “sobre a quantidade de dados e sobre a proporção dos vários tipos de observações” (GUY; ZILLES, 2007, p. 81; grifos no original). Nessa perspectiva, para estabelecermos uma estimativa da ocorrência da monotongação no estudo proposto, primeiro relacionamos e contamos manualmente todas as palavras que continham ditongos decrescentes em contexto antecedente de consoante fricativa e vibrante simples e, em seguida, identificamos a proporção das ocorrências do apagamento da semivogal /j/ em contraste com o não apagamento em cada categoria de análise, com a finalidade de observarmos se havia alguma evidência sistemática na porcentagem de ocorrência e não ocorrência do fenômeno em foco.

No universo da pesquisa aqui apresentada, iremos considerar a variação binária encontrada nas construções orais de palavras que apresentam ditongos decrescentes, em contexto fonológico de consoante seguinte fricativa ou vibrante simples, onde, como já relatamos, podemos encontrar a ocorrência ou não ocorrência da monotongação dos ditongos decrescentes /ej/, /ow/ e /aj/.

Nesta pesquisa, realizamos a análise sociolinguística da língua em uso na comunidade de fala potiguar, considerando que o aporte teórico-metodológico está intrinsecamente vinculado à sociolinguística variacionista, que, segundo Cysne (2016), é caracterizada por sua metodologia empírica, isto é, por observar dados reais gerados por falantes reais, em reais situações de uso, sendo obtidos pelo procedimento de entrevistas sociolinguísticas. Em pesquisas dessa natureza, observamos, habitualmente, a utilização, por parte dos pesquisadores para o estudo de fenômenos de variação linguística, de bancos de dados constituídos nos padrões variacionistas, como por exemplo, VALPB (Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba), VARSUL (Variação Linguística Urbana do Sul do País), ALIPA (Atlas Geo-Sociolinguístico do Estado do Pará), o ALiB (Projeto Atlas Linguístico do Brasil), o Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar e o Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar (ALiPTG).

O Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar e o Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar dispõem de um rico e amplo material de pesquisa no âmbito da variedade linguística potiguar. Estes dois Atlas, juntamente com os demais Atlas linguísticos de diversas regiões do Brasil, compõem o ALiB, cujo objetivo maior é a descrição dos falares da população brasileira. Seus dados são bastante sólidos para se compreender os falares do país, além de evidenciarem a frequência de ocorrências nas variações linguísticas. Assim, serão adotados nesta pesquisa os métodos descritivo e documental, no intuito de identificar e classificar o fenômeno fonético-fonológico da monotongação no estado do Rio Grande do Norte. Além disso, serão

avaliados fatores sociais determinados – gênero, faixa etária e localidade – que se correlacionam com as variantes linguísticas encontradas no Rio Grande do Norte.

Para delimitar o universo da pesquisa, tomamos como constituição de amostra as 16 cartas linguísticas fonético-fonológicas dos corpora, em que ocorreram o fenômeno da monotongação dos ditongos decrescentes /ej/, /aj/ e /ow/ nos critérios estabelecidos nesta pesquisa, sendo nove cartas do Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar e sete do Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar, perfazendo uma amostra do estado do Rio Grande do Norte.

Quanto aos procedimentos adotados, a segunda parte consistiu em elaborarmos um banco de dados para realizar a análise quantitativa dos dados obtidos, para tanto, utilizamos o pacote de programa estatístico R, que utiliza a linguagem de programação R, largamente usada em análise de dados estatísticos. Com o auxílio desse software, realizamos a quantificação dos dados linguísticos e a correlação de variáveis, posteriormente interpretamos os dados obtidos, com foco nas hipóteses apresentadas, buscando responder as questões de pesquisa. Compõem a nossa amostra todas as palavras que apresentam as variantes fonológicas /ej/, /ow/ e /aj/, em contexto seguinte de consoante fricativa ou vibrante simples, coletadas do corpus. Para elaborarmos o envelope da variação, trabalhamos na construção de tabelas de frequência referentes a cada uma das palavras e, em seguida, elaboramos a tabela de contingência, considerando a hipótese nula e a hipótese alternativa, ou seja, a contagem da ocorrência e da não ocorrência da monotongação, considerando os fatores: contexto fonológico posterior, gênero, faixa etária e cidade. Por meio da tabela de contingência, foi possível realizar o cálculo de frequência observada da monotongação na amostra para as cidades pesquisadas e a frequência de monotongação entre esses ditongos.

De acordo com Guy e Zilles (2007), uma hipótese levantada para explicar estatisticamente algum fenômeno vem associada a uma segunda hipótese que nega a primeira. Tais hipóteses são chamadas, respectivamente, de hipótese alternativa e hipótese nula. Nos modelos de regressão, por exemplo, um teste estatístico pode propor testar a hipótese nula de não haver efeito na variável dependente associado a uma variável independente. Nesse contexto, iremos adotar como hipóteses alternativas o fato de que o ponto de inquérito influencia na ocorrência da monotongação e que existe relação entre os fatores extralinguísticos gênero e faixa-etária e a ocorrência desse fenômeno.

Suponhamos que a nossa hipótese de que o ponto de inquérito (cidade) influencia a produção de uma ou outra forma monotongada. Assim, temos uma variável independente ponto de inquérito, composta pelos fatores enumerados de 1 a 12, onde cada número corresponde, respectivamente, às cidades: Mossoró; Apodi; Pau dos Ferros; Janduís; Macau; Angicos; Currais Novos; Caicó; Natal; Canguaretama; Touros; Macau e Areia Branca. As variáveis dependentes apresentam duas possibilidades: ou ocorrem /aj/, /ej/ e /ow/ ou ocorrem /a/, /e/ e /o/, respectivamente. Podemos codificá-las, então, como 0 ou 1. Nesse caso, determina-se que as variantes codificadas como 0 sejam as variantes /aj/, /ej/ e /ow/ e as variantes codificadas como 1 sejam as variantes /a/, /e/ e /o/, já que o objetivo é analisar o fenômeno de apagamento da semivogal /j/ e /w/ nos ditongos. Em estatística, normalmente a variante codificada como 1 recebe o nome de sucesso, em oposição à denominação fracasso para a variante codificada como 0 (cf. GUY; ZILLES, 2007).

Se utilizarmos o modelo de regressão logística para a análise das variáveis /aj/, /ej/ e /ow/ (0) e /a/, /e/ e /o/ (1), tendo como variável independente o ponto de inquérito, poderemos determinar a influência da localidade (ponto de inquérito) na probabilidade de sucesso da variável dependente, ou seja, na probabilidade de utilização das variantes /a/, /e/ e /o/. Além disso, o modelo permite que seja analisado simultaneamente o efeito de múltiplas variáveis independentes (cf. GUY; ZILLES, 2007).

A terceira parte dos procedimentos consiste em, a partir das informações apresentadas, construirmos uma tabela no Excel (formato .csv) com as ocorrências, considerando as seguintes codificações: variável dependente: Monotongação (1= ocorrência, 0= não ocorrência); Gênero: H= masculino e M= feminino; Faixa etária: 1= 18 a 32 anos; e 2= 48 a 62 anos; Contexto linguístico (fonológico seguinte): F=fricativa e V=vibrante simples; Cidade: Numeradas de 1 a 12 de acordo com a sequência já informada; Ditongo decrescente: /ow/=O; /ay/=A; /ey/=E

Cabe destacar que o município de Macau foi pesquisado nos dois Atlas em estudo, tendo também sido considerados na nossa pesquisa os dados coletados pelos dois pesquisadores, Silva (2012) e Pereira (2007). Assim, o município de Macau possui mais dados coletados que as demais localidades, o que não constitui uma limitação para nossa pesquisa, não interferindo nos resultados apresentados, pois trabalhamos com dados percentuais.

Na sequência, testamos as hipóteses apresentadas e buscamos responder as questões propostas. As hipóteses apontadas supõem que os fatores sociais gênero, faixa etária e localidade do falante possuem influência no processo de ocorrência da forma monotongada nos ditongos em estudo.

Para testarmos as hipóteses, realizamos o teste do qui-quadrado. De acordo com Guy e Zilles (2007), esse tipo de teste é utilizado para estimar se a hipótese de um pesquisador sobre a população está correta, usando os dados da amostra, o que se aplica ao objetivo desta pesquisa.

Guy e Zilles (2007) ratificam que, em pesquisas no âmbito da sociolinguística variacionista, convencionalmente se usa o nível de significância de 0.05 (P-valor), ou seja, uma variável terá significância estatística quando $P < 0.05$, sendo este o valor para P que iremos determinar para essa pesquisa.

Os resultados obtidos foram apresentados em forma de gráficos de colunas verticais, mais apropriados para variáveis descontínuas (cf. GUY; ZILLES, 2007). Ainda visando sintetizar os resultados das nossas análises, elaboramos um mapa especificando as porcentagens de monotongação em cada uma das localidades pesquisadas.

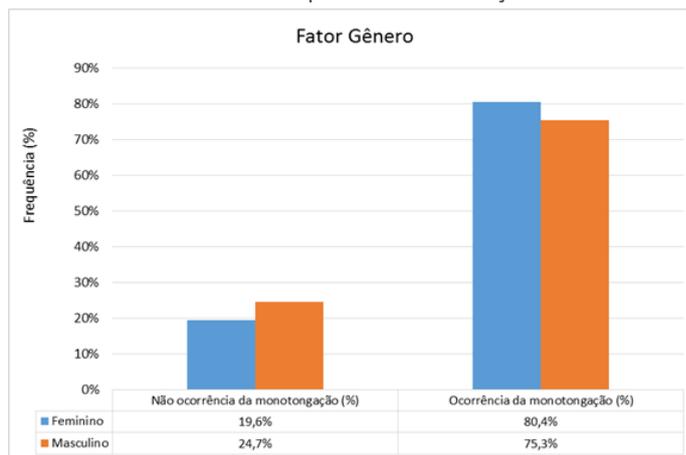
Finalmente interpretamos os dados e confirmamos se as hipóteses estabelecidas foram confirmadas ou refutadas. Como na maior parte das pesquisas científicas, as hipóteses formuladas serão testadas e refinadas, talvez algumas sejam descartadas e outras novas criadas (GUY; ZILLES, 2007, p. 39).

4. ANÁLISES E RESULTADOS

Nesta seção, apresentaremos os resultados da nossa análise sobre a regra variável da monotongação dos ditongos decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/ em função das variáveis sociais gênero, faixa etária e cidade.

No gráfico seguinte, serão apresentados os resultados da variável dependente em função da variável social gênero.

Tabela 1 –Resultados da variável dependente em função da variável social gênero

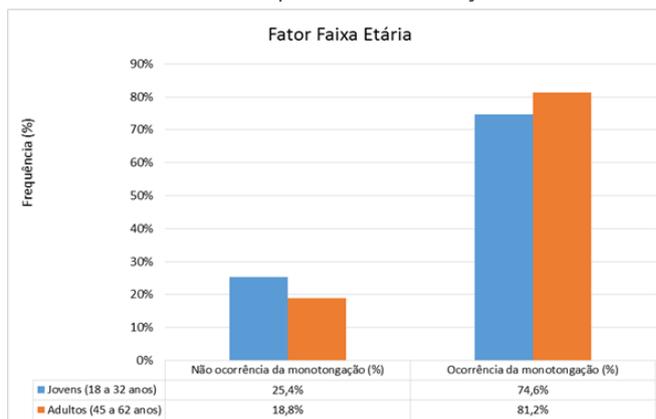


Fonte: Autoria própria (2020).

Verifica-se que, na amostra do estudo apresentado, há uma discreta diferença entre o apagamento da semivogal entre os gêneros feminino e masculino, apenas 5,1%, para o gênero (sexo) feminino, o que não pode ser considerado como significativo para a análise. Considerando o valor de $P = 0.20$, ou seja, $P < 0.05$, nesta pesquisa, verifica-se que o fator gênero não se mostra relevante à ocorrência da monotongação dos ditongos decrescentes, nas regiões Centro-oeste e Litoral Potiguares. Esse resultado corrobora a pesquisa realizada por Toledo (2010), no estudo da monotongação do ditongo /ej/ em Porto Alegre, quando compartilha que a variável sexo parece ter um desempenho neutro no processo de ocorrência da monotongação.

No gráfico abaixo, constam os resultados da variável dependente em função da variável social faixa etária.

Tabela 2 –Resultados da variável dependente em função da variável social faixa etária

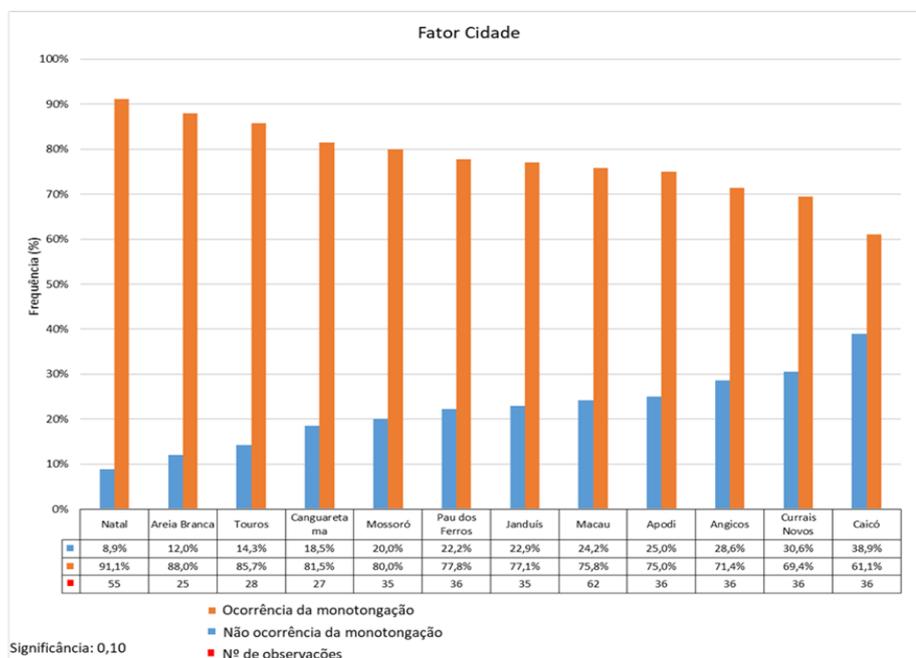


Fonte: Autoria própria (2020).

De acordo com os dados apresentados, considerando que, no teste do qui-quadrado, o valor P foi maior que 0.05, ou seja, 0.09, não podemos afirmar a hipótese de que o fator social faixa etária possui influência na forma monotongada, em termos estatísticos. Ressaltamos que a nossa análise partiu de um corpus com abrangência dos falares do Centro-Oeste e o Litoral Potiguar. Em pesquisas realizadas em outras regiões do Brasil, como a de Bassi e Mozer (2014), a variável independente faixa-etária apresentou significância estatística. A nossa análise corrobora em parte os resultados encontrados por Cristofolini (2011), quando informa que o fator idade não é significativo para ocorrência da forma monotongada do ditongo /ow/.

Apresentaremos abaixo os resultados da variável dependente em função da variável independente cidade.

Tabela 3 –Resultados da variável dependente em função da variável localidade (cidade)

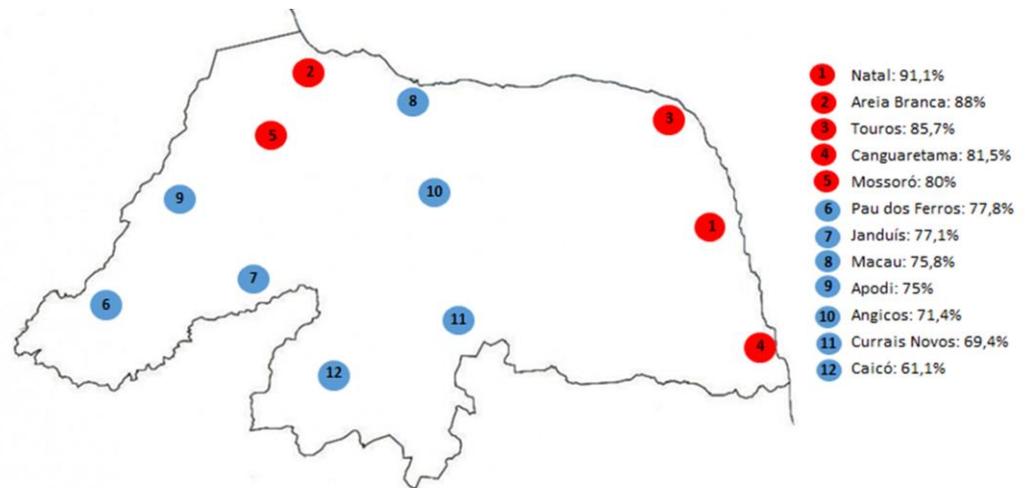


Fonte: Autoria própria (2020).

No gráfico 3, apresentamos as cidades com maior incidência de monotongação em ordem decrescente. Podemos observar uma diferença considerável de ocorrência do fenômeno registrados nos municípios de Natal e Caicó, com uma diferença percentual significativa de 30%, de incidência de apagamento da semivogal entre estas duas cidades. É possível também analisar que os informantes das cidades de Natal (capital), Areia Branca, Touros, Canguaretama e Mossoró apresentaram uma maior ocorrência de monotongação, nas porcentagens de 91.1%, 88%, 85.7%, 81.5% e 80.0% respectivamente, cujas frequências absolutas foram calculadas a partir dos dados brutos 55, 25, 28, 27, 35, respectivamente, conforme se observa no gráfico 3. No entanto, na análise estatística, o fator cidade não foi considerado relevante na pesquisa, apresentando um valor P-valor igual a 0.10.

Abaixo dispomos um mapa onde apresentamos as percentagens de ocorrência da monotongação nas cidades em estudo do Centro-Oeste e Litoral Potiguar e discutiremos os dados apresentados.

Figura 1 – Distribuição do fenômeno da monotongação nos pontos de inquérito pesquisados



Fonte: Adaptado pelo autor (2020)².

Como se pode observar, existe um favorecimento significativo da ocorrência da monotongação em algumas cidades pesquisadas, considerando que algumas apresentam 80% ou mais de apagamento da semivogal nos ditongos decrescentes, como é o caso da capital Natal, Areia Branca, Touros, Canguaretama e Mossoró.

No contexto geográfico, as cidades Natal, Mossoró e Caicó são as mais influentes socioeconomicamente nos âmbitos regionais do estado, conforme dados do IBGE (2017). De acordo com os dados aqui apresentados, parece-nos que essas três cidades exercem também influência linguística sobre os municípios do entorno, menores e menos influentes, como pode ser verificado principalmente nos entornos das duas maiores cidades do estado, Natal (capital) e Mossoró, onde existe uma maior incidência de ocorrência de monotongação, podendo-se inferir que estas cidades podem estar exercendo certa influência no processo de ocorrência desse fenômeno nas cidades circunvizinhas. Considerando as cidades mais distantes destes dois polos e mais próximas às cidades paraibanas, como é o caso da cidade polo Caicó e sua adjacente Currais Novos, podemos perceber que estas apresentam os menores índices de monotongação em relação às demais.

Mesmo que os índices elevados de monotongação apresentados apontem que esse fenômeno é adotado por um amplo número de falantes potiguares, não é possível, por meio desta pesquisa, assumirmos que haja o início de uma possível mudança linguística no RN em favor do monotongo, considerando que, de acordo com os critérios labovianos, na identificação de um processo de mudança linguística, o principal fator a ser analisado é a faixa etária, mediante a análise de, no mínimo, três faixas etárias distintas. Contudo, podemos depreender que o fenômeno da monotongação continua a se expandir, mas as duas formas, ditongada e monotongada, permanecem vivas nas variedades de língua potiguar, o que parece configurar que esse fenômeno se encontra em variação estável no RN.

À GUIA DE CONCLUSÃO

A pesquisa aqui apresentada teve por embasamento a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, quando procedemos com a análise do fenômeno da monotongação no Centro-Oeste e Litoral Potiguar, com ênfase nos fatores sociais gênero, faixa etária e cidade.

A nossa hipótese era que havia uma associação significativa entre a ocorrência da monotongação nas cidades em estudo e que havia relação entre os fatores extralinguísticos gênero e faixa-etária, o que foi refutado com base nos resultados estatísticos (teste de significância).

Entretanto, de acordo com os dados percentuais apresentados, verificamos que o condicionador localidade exerce alguma influência no processo da monotongação na fala potiguar, pois foram percebidas diferenças significativas entre índices de monotongação entre os pontos de inquérito em estudo. Além disso, parece-nos que a proximidade territorial entre as cidades potiguares em estudo pode, de certa forma, estar exercendo influência na ocorrência da monotongação, já que, as regiões próximas aos dois maiores polos econômicos do estado, Natal, capital do estado e Mossoró, capital do Oeste-potiguar, apresentam maiores índices de ocorrência do fenômeno em estudo.

Alguns resultados mostrados nesse estudo corroboram pesquisas sociolinguísticas já realizadas em outras regiões do Brasil, que indicam ser esse um fenômeno que possui pouca relevância dos fatores sociais. Entretanto, uma análise estatística é uma ferramenta para testagem de hipóteses, não podendo ser considerada uma refutação definitiva de uma dada hipótese (GUY; ZILLES, 2007).

Considerando os índices de ocorrência da monotongação em função da não ocorrência desse fenômeno, podemos inferir que a ocorrência da monotongação é bastante elevada nas regiões de estudo, confirmando os resultados de outras pesquisas divulgadas sobre algumas regiões, que sugerem um possível indício de processo de mudança linguística em progresso para o ditongo /ow/ e variação estável para o ditongo /ej/.

Acreditamos ter contribuído de alguma forma para os estudos linguísticos do Centro-Oeste e Litoral Potiguar, considerando as escassas pesquisas linguísticas sobre o aspecto da monotongação nessa região, cabendo a realização de outras análises, incluindo a interferência de outros condicionadores extralinguísticos e linguísticos. Ademais, a elaboração deste trabalho pode auxiliar na descrição da monotongação em outras regiões do português brasileiro, ampliando o leque de conhecimentos desse fenômeno sob o aspecto sociolinguístico quantitativo.

Sociolinguistic analysis of monotongation in the potiguar linguistic variety

ABSTRACT

This article presents an analysis carried out on the phenomenon of monotongation in the Potiguar linguistic variety from the perspective of the Variationist Sociolinguistics. Through the study, we aim to investigate whether there is a correlation between the phenomenon of monotongation and the linguistic and extralinguistic factors found in some cities in the state of Rio Grande do Norte - Brazil. Sixteen phonetic-phonological linguistic letters extracted from the Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar and the Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar, authored by researchers Silva (2012) and Pereira (2007), respectively, were analyzed. Atlas data were collected from 56 informants from the State of Rio Grande do Norte. The results revealed that there is a certain influence of the occurrence of monotongation with the social factor locality of the speaker, the other social factors gender and age group were not related to the deletion of the semivowels / j / and / w / in diphthongs / ej /, / aj /, / ow /.

KEYWORDS: Monotongation. Sociolinguistics. Rio Grande do Norte.

NOTAS

¹ O [y] é a representação da semivogal no alfabeto fonético da Revista Filológica Espanhola (RFE). No Alfabeto Fonético Internacional (AFI), o símbolo que representa essa semivogal é o [j]. Aqui, preferimos utilizar o símbolo da RFE, pois foi o alfabeto utilizado por Teyssier (2014), contudo, neste artigo, utilizaremos o símbolo do AFI, por ser este o alfabeto utilizado nos corpora coletado para elaboração desta pesquisa.

² Mapa referente à Figura 01 foi adaptado do site do Google Imagens (acesso em 24 de agosto de 2019).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. S.; BORGES, D. K. V. Atitudes linguísticas de estudantes universitários: o fenômeno da monotongação em foco. **Tabuleiro de Letras**, v. 12, p. 97-113, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5569>. Acesso em: 28 de junho de 2019.

BASSI, A; MOZER, J. A. O processo de monotongação atrelado ao fenômeno da palatalização das fricativas alveolares em coda silábica: uma abordagem fonológica e sociogeolinguística. **Working Papers em Linguística**, v. 15, n. 2, 2014, p. 12-37. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2014v15n2p12>. Acesso em: 26 de junho de 2019.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CARVALHO, S. C. de. **Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala de Recife**. 2007. 104f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, PE. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7791>. Acesso em: 25 de junho de 2019.

COELHO, I. L. et al. **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CRISTOFOLINI, C. Estudo da monotongação de [ow] no falar florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística. **Revista da ABRALIN**, v.10, n.1, p. 205-229, jan. /jun. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/download/32070/20409>. Acesso em: 25 de junho de 2019.

CYSNE, M. R. P. **A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza**. Fortaleza, 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA). Disponível em: http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Marcus%20Portela.pdf.pdf. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

FERNANDES, E. R. do N. **Metaplasmos por supressão do português brasileiro: casos de apócope e monotongação no Sítio Arisco – Lagoa de Dentro** PB. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/33701/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Edna%20Ranielly%20do%20Nascimento%20Fernandes.pdf>. Acesso em 03 de março de 2020.

FREITAS, B. F. C. de. **Estudo da monotongação de ditongos orais decrescentes na fala uberabense**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2017. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153183/freitas_bfc_me_arafcl.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em 03 de março de 2020.

GORSKI, E. M; VALLE, C. R. M. Variação discursiva: procedimentos metodológicos para delimitação do envelope de variação, p. 79-99. In: Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski (Org). **Sociolinguística e Política Linguística olhares contemporâneos**. São Paulo: Blucher, 2016.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HAUPT, C. Contribuições da fonologia de uso e da teoria dos exemplares para o estudo da monotongação. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p.167-189, jun. 2011. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct>. Acesso em: 26 de junho de 2019.

HORA, D. da; AQUINO. M. de F. S. **Da fala para a leitura: análise variacionista**. Alfa, São Paulo, 56 (3): 1099-1115, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4986>. Acesso em: 28 de junho de 2019.

IBGE. **Rio Grande do Norte**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/>. Acesso em: 6 de maio 2020.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015. Cap. 1. p. 9-14.

OLIVEIRA, A. J. de. **‘Comendo o final das palavras’**: análise variacionista da haplogogia, elisão e apócope em Itaúna/MG. 2012. 296 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística Teórica e Descritiva, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-96THZA?locale=pt_BR. Acesso em: 01 julho de 2019.

PEREIRA, M. das N. **ATLAS GEOLINGÜÍSTICO DO LITORAL POTIGUAR – ALiPTG - Volume I**. 2007. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2007. Disponível em: <https://alib.ufba.br/atlas-geolinguistico-do-litoral-potiguar-aliptg>. Acesso em: 18 de abril de 2019.

SANTANA, J. H. dos S.; DE OLIVEIRA, I. B.; DOS REIS, M. S. Monotongação e ensino: quando a variação linguística chega à escrita. **Entrepalavras**, v. 5, n. 2, p. 65-85, 2015. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/download/518/289>. Acesso em: 23 de abril de 2019.

SANTOS, W. B. dos. **O ditongo /ej/ nas capitais do norte do Brasil**: um estudo geossociolinguístico. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação de Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015. Cap. 15. p. 147-177.

SEVERO, C. G. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Revista Voz das Letras**, Concórdia, Santa Catarina, n. 9, p.1-17, 2008. Disponível em: <http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/9/92.pdf>. Acesso em: 28 de janeiro de 2020.

SILVA, F. S. O processo de monotongação em João Pessoa. In: HORA, Demerval da (Ed.). **Estudos Sociolinguísticos**: perfil de uma comunidade. Santa Maria: Palloti, 2004.

SILVA, M. B. da. **ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR**. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8253>. Acesso em: 25 de março de 2019.

SILVEIRA, L. M. da. **Monotongação em uso no português do sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/202456/001107818.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 03 de março de 2020.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. 2. ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins, 2014.

TOLEDO, E. E. A monotongação do ditongo oral decrescente [ej] em Porto Alegre. **Cadernos do IL**, n. 40, p. 134-160, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/download/24901/14907>. Acesso em: 01 de julho de 2019.

TOLEDO, E. E. **A monotongação do ditongo decrescente [ej] em amostra de recontato de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39409/000824264.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 de março de 2020.

_____. Estudo em tempo real da monotongação do ditongo decrescente/ej/em amostra de Porto Alegre. **Letrônica**, v. 6, n. 1, p. 94-107, 2013. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/download/13302/10094>. Acesso em: 01 de julho de 2019.

TRINDADE, I. E. **O fenômeno da monotongação no português Tapuio**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/2435/1/ISRAEL%20ELIAS%20TRINDADE.pdf>. Acesso em: 03 de março de 2020.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968]. 152 p. Tradução de Marcos Bagno.

WIKIPEDIA. **Rio Grande do Norte**. Subdivisões. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Grande_do_Norte. Acesso em: 6 de maio 2020.

Recebido: 06 fev. 2020

Aprovado: 07 nov. 2020

DOI: 10.3895/rl.v22n39.11595

Como citar: RODRIGUES, Arianne Ribeiro; CARVALHO, Cid Ivan da Costa; LEAL, Jéssica Guimarães. Análise sociolinguística da monotongação na variedade linguística potiguar. *R. Letras*, Curitiba, v. 22, n. 39 p. 46-65, jul/dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.utfrpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

